

No entra e sai do Senado urge um novo Machado

Haroldo Holanda



Daniel Krieger



Roberto Campos



Gustavo Capanema



Delfim Neto



Jarbas Passarinho



Virgílio Távora

Machado de Assis, de forma magistral, falou sobre o velho Senado, numa crônica que se tornou antológica. O novo Senado, a ser eleito em fins de 78, talvez venha a precisar de um novo Machado para descobrir e exaltar as suas qualidades. Há uma preocupação que começa a dominar os próprios integrantes da Casa, quanto ao nível e a experiência política dos seus futuros integrantes, pois grande parte dos atuais senadores, aqueles que gozam de maior prestígio e projeção, não voltarão por um motivo ou outro ao Senado em 1979. Uns porque preferem ser governadores, outros porque estão dando por encerrada a sua carreira política.

Deve-se lembrar que até 1964, ano da eclosão do movimento revolucionário de 31 de março de 1964, a Câmara dos Deputados era o grande centro de debates do país, principalmente no período de maior atuação da **Banda de música da UDN** que tinha sua maior expressão na figura controversa de Carlos Lacerda, considerado por quase todos como o maior orador parlamentar do Brasil. Mas o PSD tinha também em seus quadros na Câmara dos Deputados figuras do porte do baiano Vieira de Melo, capaz com seus dotes oratórios de porfiar com Carlos Lacerda em igualdade de condições. Ou até de vencê-lo, como ocorreu algumas vezes, segundo testemunhas jornalistas e políticos da época. Há também os que ainda se recordam da batalha travada da tribuna entre dois gigantes da oratória, o pedesista mineiro Gustavo Capanema e o udenista Afonso Arinos de Mello de Franco, nas dias que precederam à queda e ao suicídio de Vargas.

Com a Revolução, o interesse público que se concentrava na Câmara transferiu-se para o Senado. Não só caiu o nível da representação popular na Câmara dos Deputados, como no Senado permaneceram as figuras de maior dimensão da política brasileira. Deve-se ainda assinalar que por força do prestígio político que o senador Daniel Krieger gozava junto ao Presidente Castello Branco, novas atribuições foram dadas ao Senado, com o que ele ganhou maior predominância sobre a Câmara dos Deputados. Depois, Krieger foi após a Revolução o político que conseguiu reunir em torno de sua figura a maior soma de poderes que um político já deteve em suas mãos, por força da amizade e da confiança que o ligava ao Presidente Castello Branco.

OS QUE VÃO

Se as previsões se confirmarem, vão deixar o Senado para serem governadores em 1979 os senadores José Lindoso, do Amazonas; Jarbas Passarinho, do Pará; José Sarney, do Maranhão; Virgílio Távora, do Ceará; Augusto Franco, de Sergipe; Eurico Rezende, do Espírito Santo e Ney Braga, do Paraná. Estão com seus mandatos por terminar e não devem regressar ao Senado, entre outros, os senadores Daniel Krieger, Ruy Santos, Gustavo Capanema, Magalhães Pinto, se não reconsiderar sua atitude, Accioly Filho e Wilson Gonçalves. Especula-se ainda que também deverá deixar o Senado a sua figura mais atuante e importante dos dias atuais, o senador Petrônio Portella, que poderia ser nomeado Ministro do Governo Figueiredo. Claro que estamos nos referindo unicamente à bancada da Arena, pois no MDB há personalidades destacadas como o gaúcho Paulo Brossard, o paulista Franco Montoro, o pernambucano Marcos Freyre, o cearense Mauro Beneditos, os cariocas Roberto Saturnino e Nelson Carneiro e a figura respeitável do ex-Ministro Ernani do Amaral Peixoto.

Sendo uma casa pequena e política o Senado sempre teve a comandada-la um pequeno mais influente grupo constituído, entre outros, pelos senadores Petrônio Portella, Daniel Krieger, Dinarte Mariz, José Sarney, Jarbas Passarinho, Virgílio Távora, Magalhães Pinto, etc., etc. E como tudo indica que a Arena continuará detendo a maioria do Senado depois de 1979, ficam os senadores conjecturando o que será do destino da Casa quando alguns dos mais brilhantes dos seus membros deixarem o Senado. Porque dos veteranos senadores apenas permanecerão os Srs. Luis Viana Filho, Dinarte Mariz, João Calmon, Alexandre Costa e Luiz Cavalcanti - este um homem mais de tribuna do que de articulação.

OS QUE SE RETIRAM EM DEFINITIVO

Entre os que estão encerrando definitivamente a sua carreira política encontra-se o senador mineiro Gustavo Capanema, jurista e mais do que tudo um humanista. Foi uma das personalidades mais destacadas do extinto PSD e um dos conselheiros do partido quando este procurava, em meio às tormentas, encontrar uma fórmula jurídica para os impasses políticos que se armam com tanta constância na política brasileira. Orador brilhante, o seu discurso nas vésperas do suicídio de Getúlio Vargas é considerado pelo deputado Célio Borja, ex-presidente da Câmara dos Deputados, como um dos momentos mais altos da oratória parlamentar brasileira. Ex-Ministro da Educação de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, a seu redor ele conseguiu reunir um grupo de artistas e intelectuais que apenas se iniciavam na vida intelectual brasileira, como Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade (seu chefe de gabinete), Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Reading de Campos, Rodrigo Mello Franco, etc., etc. E foi graças à sua tenacidade pessoal e aos seus propósitos que a nova arquitetura brasileira pôde se impor e projetar interna e externamente, dando oportunidade a que Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, apoiados na experiência e na inspiração de Le Corbusier, pudessem projetar o edifício-sede no Rio de Janeiro do Ministério da Educação. Com a saída de Capanema da política não é só o Senado, mas a própria vida pública brasileira que fica mais pobre. Uma entrevista de Capanema à imprensa é uma aula de cultura e de sabedoria.

KRIEGER, O LIBERAL

O senador Daniel Krieger, como político, é antes de tudo uma generosa figura humana de gaúcho. Ao seu gabinete afluem diariamente políticos e jornalistas de todas as tendências; se fosse possível fazer no Congresso uma pesquisa entre deputados e senadores para saber quem é uma de suas personalidades mais respeitáveis e queridas, Krieger ganharia facilmente. No Governo Castello Branco esteve no ápice de sua carreira política, em virtude da identificação entre seu pensamento político e o do Presidente da República. Graças à sua ação pessoal junto ao Presidente Castello Branco, ele conseguiu evitar a cassação de vários senadores, dentre os quais a de José Ermirio de Moraes, Artur Virgílio e Aarão Steinbruch, apesar das pressões que em contrário sofria o Governo. Com o seu charuto, Krieger esteve naquela ocasião muito próximo da Presidência da República. E foi ainda através de sua ação que se viabilizou politicamente a candidatura do general Artur da Costa e Silva à Presidência da República, embora o Presidente Castello Branco no início fosse contra a sua adoção. Já formado o Ministério de Costa e Silva, Krieger conseguiu à última hora desfazer - lo para incluir nele como Ministro da Educação seu conterrâneo e amigo, o senador Tarso Dutra. Em 1968, na crise política que teve como estopim o pedido de cassação do mandato de Márcio Moreira Alves, o senador Krieger renunciou a todos os seus postos políticos para não abdicar das suas idéias e das suas convicções políticas. Os anos seguintes foram de ostracismo, o que não significou o abandono do seu gabinete pelos amigos mais fiéis. Era no gabinete de Krieger que se reuniam os liberais da Câmara e do Senado. Quando se cogitou no princípio da candidatura do general Ernesto Geisel à Presidência da República foi dos primeiros a solidarizar-se com ela, porque acreditava nas convicções democráticas do candidato e na honradez e correção pessoais dos Geisel, pois sempre foi amigo e admirador de Ernesto como de Orlando Geisel. Finalmente, ao se despedir da sua vida pública decidiu - se a apoiar a candidatura do general João Baptista Figueiredo à Presidência da República porque está pessoalmente convencido de que ele irá levar o país ao caminho da normalidade constitucional, que confessa ser o maior sonho de sua vida de homem público. É sincero nas suas convicções pessoais, como franco no emitir opiniões e conceitos, o que não é comum na vida pública brasileira.

PETRONIO PORTELLA

Petrônio Portella começou a se destacar entre seus pares como vice-líder do Governo nos períodos em que ocuparam a liderança do Governo os senadores Daniel Krieger e Filinto Muller. Da

geração de políticos ligados ao Governo em função no Congresso ele talvez seja sem favor o de maior talento. Sagaz, de uma inteligência viva e muito rápida, é capaz de conversar durante horas com os jornalistas, recebendo as perguntas mais inconvenientes e jamais se deixando cair numa armadilha, colhido por uma resposta que pudesse ser mais tarde considerada inconveniente ou desastrosa. Embora tenha sido Governador do Piauí antes de 64, sua projeção política nacional ocorreu após 64 e foi com o Presidente Geisel que sua carreira encontrou o ápice do prestígio, pelas missões políticas de que se viu investido pelo Governo, inclusive a mais recente de dialogar com os diferentes setores da sociedade, para tentar encontrar um ponto de equilíbrio nas reformas políticas a serem em breve implantadas no país. Se Petrônio Portella for para o Ministério de Figueiredo, segundo se murmura pelos corredores do Congresso, ou se for para o Supremo, o Congresso perde com ele uma de suas personagens mais combativas e talentosas, sem favor nenhum.

PASSARINHO, SARNEY, VIRGILIO, RUY, MAGALHÃES, EURICO E ACIOLY

Fala-se muito entre políticos e jornalistas que a maior revelação política surgida após a Revolução de 64 foi a do ex-Ministro Delfim Neto, e es quecem todos de incluir no mesmo plano de Delfim Neto o nome do ex-Ministro ex-Governador e atual senador Jarbas Passarinho. Antes de 64 ele era apenas um coronel do Exército, que já trabalhara para a Petrobrás na área da Amazônia e que se projetara nas agitadas assembleias do Clube Militar, durante o período que antecedeu à crise política de agosto de 54 com a morte de Vargas. Vitoriosa a Revolução de 64, Passarinho se elege Governador do Pará e firma lá uma liderança inquestionável. Com o Governo Costa e Silva é feito Ministro do Trabalho e no Governo Médici nomeado Ministro da Educação, onde realizou reformas educacionais de repercussão profunda. No Senado, desde 1974 o senador Passarinho construiu uma imagem de independência de atitudes e de coragem ao assumir a defesa das teses políticas que julga mais corretas. Seu nome já esteve cogitado tanto para a Presidência da República como para a vice-Presidência da República, durante os governos de Costa e Silva e de Garrastazu Médici. Só não pôde melhor revelar sua capacidade política dentro do Congresso porque não lhe foram oferecidas posições de liderança, embora durante um certo período seu nome estivesse cogitado para líder do Governo no Senado. É uma das inteligências políticas mais ágeis do Congresso, um orador de notáveis recursos e como político é portador de uma mensagem social nova, que vem sensibilizando diversas áreas do país, pois constantemente é convidado para fazer conferências em quase todos os Estados do Brasil.

O senador José Sarney possui uma das inteligências mais vivas do Senado e uma sensibilidade das mais aguçadas. Advindo dos quadros da antiga UDN, teve posição relevante na antiga bossa-nova. Elegeu-se Governador do Maranhão, desbancando a liderança do senador Vitorino Freyre, que dominava o Estado desde a redemocratização do país em 1945. Eleito senador, ocupou logo dentro da Casa uma posição invejável e foi dos primeiros a aderir à candidatura do General João Baptista Figueiredo à Presidência da República, quando ela ainda representava um sério risco político para os que a ela se chegavam.

O senador Virgílio Távora tem sido o político mais aplicado do Congresso na defesa dos princípios da política econômica - financeira do Governo do Presidente Ernesto Geisel. Ex-governador do Ceará, ex-Ministro da Viação do Governo parlamentarista, ex-secretário-geral da antiga UDN, o senador Virgílio Távora é um dos políticos mais bem informados e experimentados do Congresso. Na política de bastidores ele é inigualável, pois fala pouco e atua muito.

O senador Ruy Santos é Constituinte de 1946 com atuação ininterrupta no Congresso até hoje. Vinculado na Bahia ao grupo do ex-Ministro Juracy Magalhães, a ele permanece ligado até hoje. Sai da política e é possível que seu lugar no Senado na representação da Bahia seja ocupado pelo filho de Juracy Magalhães, o atual deputado Jutai

Magalhães. Médico e escritor, Ruy Santos se retira da política para se dedicar à família e aos seus netos.

O senador Magalhães Pinto representa uma das trajetórias políticas mais brilhantes da política de Minas Gerais. Ex-governador daquele Estado, ex-presidente da antiga UDN, ex-Ministro das Relações Exteriores do Governo Costa e Silva e atual candidato à Presidência da República, o senador Magalhães Pinto possui na política muitas dedicações e amizade, por força do seu temperamento ameno e conciliador. Não voltando ao Senado, ele deixa a Arena mineira em situação eleitoral delicada, pois o MDB fica com chances de fazer o senador por via direta, se o candidato for o deputado Tancredo Neves.

O Senador Acioy Filho é apontado, no Senado, do mesmo modo que Wilson Gonçalves, como uma de suas mais brilhantes inteligências. Dedicado ao estudo das questões mais diversas, é homem discreto mas que goza de um alto conceito entre seus pares e a sua retirada da vida pública se deve à divergências momentâneas com o senador e Ministro Ney Braga, que detém o controle da política paranaense.

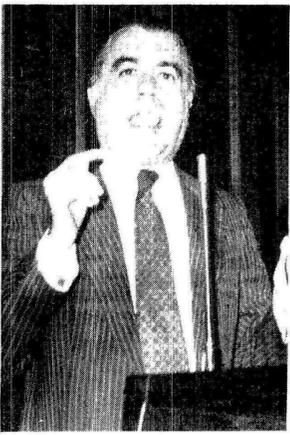
O Senador Eurico Rezende é o atual líder do Governo no Senado. Muito ligado ao senador Petrônio Portella e ao Ministro Ney Braga, assumiu a liderança do Governo em meio a receios de que com seus arroubos de advogado criminal pudesse comprometer com um excesso de linguagem a conduta do Governo nos debates com a Oposição. Em pouco tempo conquistava a confiança geral, pois Eurico revelou que sabia como livre - atirador provocar a Oposição, com chistes e imagens parabolísticas de oratória, como portar-se com o comedimento necessário que a função de líder do Governo impõe, sem se descaracterizar na sua personalidade extrovertida. Preterido uma vez em 74, é quase certo que desta vez seja o Governador do Espírito Santo.

Aplicado, inteligente e lúcido são os adjetivos que com mais frequência são dados ao senador José Lindoso, estudiosos das questões políticas, muito ligado ao senador Petrônio Portella, é na verdade uma das melhores figuras já aparecidas nos últimos anos na política do Amazonas. Com constância é procurado pelo senador Petrônio Portella e pelo presidente da Arena, deputado Francilino Pereira, que o consultam, notadamente sobre questões de natureza jurídico-constitucional.

ENTRE OS QUE VÊM, TALVEZ ENCONTREMOS DELFIM NETO E ROBERTO CAMPOS

Se o Senado pode perder algumas de suas figuras mais atuantes, há duas candidaturas ao Senado que podem se concretizar e que poderão dar uma projeção e força nova às atividades parlamentares, em função do brilho das suas inteligências. Uma é Delfim Neto, outra Roberto Campos. São dois homens que dispõem apresentação, dadas as qualidades negáveis que possuem. Delfim Neto talvez não seja Governador de São Paulo, mas nos últimos dias começou a constar com insistência o rumor de que ele na hora da composição política final poderia ser o senador-biônico do Estado de São Paulo. Quanto ao Roberto Campos, ele está chegando de Londres dentro de poucos dias, alimentando o propósito de ver seu nome indicado como senador-biônico por Mato Grosso, não se sabendo ainda se o do Norte ou do Sul. A presença de nomes como o de Delfim Neto e o de Roberto Campos só contribuiria para enriquecer o Senado e a própria vida pública brasileira, pois são dois homens destacados da sua geração.

Mas há outras figuras que poderão dar nova projeção ao Senado, como os Governadores Roberto Santos, da Bahia, ou Moura Cavalcanti, de Pernambuco. Se Moura Cavalcanti for derrotado numa das sublegendas, quem também aparece como candidato é Cid Sampaio, ex-governador pernambucano e uma das lideranças políticas do Nordeste. Se Pedro Pedrossian não for Governador de Mato Grosso, ele bem que poderá figurar como candidato ao Senado. E do Rio Grande do Sul virá quase que certo como senador o deputado Pedro Simon, que se projetou nacionalmente como presidente do MDB gaúcho, a mais bem estruturada seção partidária estadual da Oposição em todo o Brasil.



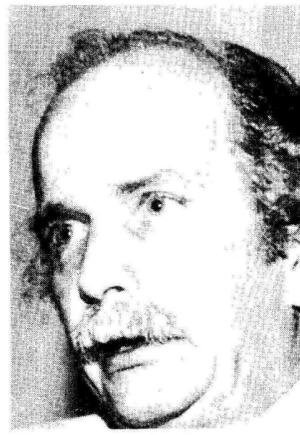
José Sarney



João Calmon



Magalhães Pinto



Acioy Filho



Luis Viana Filho



Luiz Cavalcanti